Educação Domiciliar: ética, eficiente e libertadora

Renan Ruseler;

Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC – Ceavi)

E-mail: renan.ruseler@gmail.com

Resumo: ultimamente, tem se discutido muito a respeito do direito dos pais de educar seus filhos em casa em oposição ao ensino em uma instituição, tal como uma escola pública, privada ou cooperativa. Diversos são os argumentos em favor do ensino doméstico, entre eles: flexibilidade de horários, flexibilidade na aplicação do conteúdo curricular, perigos do ambiente escolar, possibilidade de experimentar modelos educativos alternativos, entre outros. Por outro lado, muitos críticos desse método de ensino apresentam diversos argumentos em defesa de sua proibição, entre eles: carência de conhecimento coletivo, falta de socialização com crianças da mesma idade, confusão do papel de pai-professor, entre outros. Libertários defendem que, ao contrário do que se pensa, o governo é coercitivo em vez de representativo e que proibir os pais de educar seus filhos em casa é uma clara violação do princípio de não-agressão. Por outro lado, há quem argumente que crianças educadas fora de um ambiente escolar tenham habilidades sociais reduzidas e que, portanto, é dever dos pais fazer com que seus filhos sejam educados em ambiente escolar. O ensino doméstico, além de ser um direito dos pais e do educando, pode ser muito mais eficiente e agradável. A educação regulada pelo Estado serve para fazer com que as pessoas acreditem naquilo que o Estado quer que elas acreditem. É importante que o aprendizado seja um processo prazeroso e saudável, em vez de algo maçante e tedioso.

Palavras-chave: educação, doméstica, escola, aprendizado.

Abstract: *there has been much discussion about the right of parents to educate their children at home as opposed to teaching in an institution, such as a public, private, or cooperative school. There are several arguments in favor of home teaching, such as flexibility of schedules, flexibility in the application of curricular content, dangers of the school environment, possibility of experimenting with alternative educational models, among others. On the other hand, many critics of this method of teaching present several arguments in defense of its prohibition, among them: lack of collective knowledge, lack of socialization with children of the same age, confusion of the father-teacher role, among others. Libertarians argue that, contrary to popular belief, government is coercive rather than representative and that prohibiting parents from raising their children at home is a clear violation of the non-aggression principle. On the other hand, there are those who argue that children educated outside a school environment have reduced social skills and that it is therefore the duty of parents to have their children educated in a school setting. Domestic education, besides being a right of the parents and of the student, can be much more efficient and pleasant. State-regulated education serves to make people believe in what the state wants them to believe. Learning has to be a pleasurable and healthy process rather than something dull and tedious.*

Key words: education, domestic, school, learning.

1. Introdução

No Brasil, ao analisar o baixo nível intelectual e cultural das crianças e dos adolescentes, é comum surgir debates e sugestões sobre possíveis causas e soluções desses problemas. Muito tem se discutido acerca da ineficiência dos métodos de ensino aplicados nas escolas em geral, especialmente nas escolas públicas. Diversas são as hipóteses levantadas nessa questão: falta de investimento em educação por parte do governo, falta de autoridade dos professores em sala de aula, influência da mídia na formação do caráter e da personalidade das pessoas, falta de incentivo aos estudos por parte dos pais, entre outras. Nesse contexto, tem se questionado muito a necessidade de as crianças serem educadas pelo método de ensino atual e, consequentemente, são discutidas diversas outras maneiras nas quais as crianças e os adolescentes possam adquirir os conhecimentos e as habilidades necessárias para a vida. Assim, o principal método apresentado é o *homeschooling*. Nele, a educação não ocorre em uma instituição, mas no seio da própria família, e os principais responsáveis pelo processo de aprendizagem são os pais do educando. A família é quem escolheria o local e o horário de estudo mais adequado, o conteúdo mais apropriado e o método de ensino mais eficaz para a criança, com base na sua capacidade e nos seus interesses. O que se espera com isso é que a liberdade conduza a educação das crianças e que os pais possam escolher o método de ensino que será aplicado aos seus filhos da mesma maneira que escolhem, por exemplo, em qual restaurante vão almoçar.

Sabendo que a maneira na qual as crianças estão sendo educadas atualmente não é a única possível, pode-se abrir um leque de possibilidades e criar discussões que possam contribuir para o aperfeiçoamento dos métodos de ensino. Assim como as tecnologias, que estão constantemente sendo aprimoradas, os métodos de ensino devem estar em constante aperfeiçoamento para que as pessoas possam adquirir cada vez mais conhecimento em um período cada vez menor. Ao comparar os produtos e serviços oferecidos pelo livre mercado aos produtos e serviços oferecidos “gratuitamente” pelo Estado, é possível identificar diversos padrões. Enquanto que aquilo que é oferecido pelo mercado, como computadores, celulares, videogames e carros, tende a se tornar cada vez melhor e mais barato com o passar do tempo, tudo aquilo que é oferecido pelo Estado, como saúde, segurança e educação, dificilmente apresenta uma evolução significativa ao longo de décadas ou até mesmo séculos. Uma das razões para isso é que, diferentemente das organizações estatais, as empresas privadas precisam oferecer produtos e serviços cada vez melhores e mais baratos para que consigam sobreviver em um mercado cada vez mais competitivo. É justamente essa disputa entre as empresas pelo menor preço e pela maior qualidade que faz com que, ao longo do tempo, tudo fique melhor e mais barato.

Com base nessas informações, é razoável pensar que, para que se tenha produtos e serviços melhores e mais acessíveis, o ideal é que haja cada vez menos Estado, com cada vez menos impostos e regulações, e cada vez mais livre mercado. Ao analisar exemplos históricos, é possível constatar o perigo de deixar nas mãos do Estado o poder de decidir o que as pessoas podem ou não consumir ou quais atividades elas podem ou não realizar. É antiético e perigoso, também, deixar que o Estado tenha controle sobre o que as pessoas

estudam. O ideal é que as pessoas tenham a liberdade para optar pelo conteúdo e pelo método de ensino que julgarem mais interessante e vantajoso. Assim como os bens de consumo, como roupas, alimentos e artefatos eletrônicos em geral, o ensino deveria ser fornecido exclusivamente pela iniciativa privada. Não há nada de específico na educação que impeça ou que dificulte o livre mercado de fornecê-la. Por esses e outros motivos, o presente artigo tem como objetivo defender que a criança e os pais tenham o direito de escolher pelo melhor método de ensino, tanto do ponto de vista ético quanto do ponto de vista consequencialista, e que, ao contrário da crença popular, a educação doméstica não faz com que o educando tenha suas habilidades sociais reduzidas e nem que ela reduz a capacidade do educando de contribuir positivamente para quem o cerca.

2. Descrição do problema

Conforme explica Murray Rothbard, "é um fato fundamental da natureza humana que as ideias de uma pessoa são formadas por ela mesma; outros podem influenciá-la, mas ninguém pode absolutamente determinar as ideias e valores que o indivíduo vai adotar ou manter durante a vida" (2013, p. 12). Sendo assim, é possível perceber a imoralidade da tentativa feita pelo Estado de condicionar as pessoas, especialmente as crianças, a seguir determinada ideologia ou adquirir determinadas crenças. O ideal é que as pessoas sejam livres para estudar, pesquisar e se aprofundar nos assuntos de seu interesse e que, ao analisar diferentes pontos de vista, formem sua própria opinião. É inadmissível a existência de uma organização que obriga os pais a matricular seus filhos em uma instituição de ensino regulamentada de forma a forçar os filhos a aderir às ideologias defendidas por essa organização. Essas instituições de ensino são, na verdade, campos de doutrinação em massa, onde o professor é o veículo de comunicação entre quem está doutrinando e quem está sendo doutrinado. É evidente que a política da educação obrigatória, além de ser antiética, possui objetivos que vão muito além de simplesmente garantir a escolarização democrática a todos. De maneira resumida, os objetivos dessa educação compulsória são os de doutrinar e domesticar a população, o que leva a outras subtrações de liberdade e aumenta a capacidade de coerção do Estado.

É notável que o modelo de ensino atual tira das crianças a capacidade de questionar e de inovar. Além disso, é de imensa estupidez limitar o termo "educação" para um tipo de escolaridade formal. Afinal de contas, as crianças têm a total capacidade de adquirir habilidades e conhecimentos a todo instante, seja brincando, praticando esportes, ajudando os pais nos afazeres domésticos ou em qualquer outra atividade de seu interesse. Se os responsáveis pela criança dispuserem dos recursos necessários e forem suficientemente competentes, a tendência é que o potencial dessa criança se desenvolva de maneira lúdica, natural e constante. Em outras palavras, ela se tornará "autodidata" e, de maneira voluntária, buscará se aprofundar em áreas do seu interesse sem a interferência de uma instituição formal. O relacionamento dela com outras crianças irá se desenvolver espontaneamente ao longo de sua vida. Todos esses relacionamentos devem ocorrer por afinidade e não por faixa etária. É natural que a criança construa laços de amizade com pessoas mais novas ou até mesmo com pessoas muito mais velhas do que ela. E isso se

deve, principalmente, às ideias, aos objetivos e às áreas de interesse em comum dessas pessoas. Em contrapartida, no modelo de ensino aplicado nas escolas, pessoas que não têm nada a ver umas com as outras são agrupadas e confinadas em salas de aula pelo simples fato de terem nascido no mesmo ano. Nessas salas, a pessoa deixa de se aprofundar nas áreas de seu interesse para aprender aquilo que o Estado quer que ela aprenda. E esse "aprendizado" ocorre geralmente da mesma maneira: a pessoa decora, escreve na prova e esquece.

Uma das estratégias que o Estado aplica para fazer com que os governados apoiem a dominação dos governantes é a de fazer com que eles necessitem de serviços, produtos, ações afirmativas ou programas sociais que são fornecidos exclusivamente pelo Estado. Ou seja, o Estado devolve às pessoas uma pequena parcela de tudo aquilo que foi roubado delas de maneira sistematizada e faz com que elas sejam dependentes dessas "migalhas" que foram devolvidas. Essa alienação estatal é aplicada aos indivíduos desde a infância. Como as crianças estão constantemente questionando o porquê das coisas e têm uma forte tendência a acreditar nas informações que são passadas a elas, fica fácil para o Estado implantar crenças e pensamentos na mente delas de tal maneira que, após vários anos de doutrinação, fique muito difícil convencê-las de que foram enganadas e manipuladas durante todos esses anos. Não é coincidência que o Estado que as pessoas supostamente tanto precisam seja o mesmo Estado que financia e regula as instituições de ensino nas quais as crianças "aprendem" que a existência do Estado é justa e necessária. Esse ensino, além de ser uma ferramenta para auxiliar o processo de escravidão, é, para os alunos, algo desestimulante. Afinal de contas, o indivíduo deixa de se tornar um profundo conhecedor nas áreas que realmente lhe interessam e passa a desperdiçar seu tempo na tentativa de aprender as coisas que o Estado quer que ele aprenda e que, muitas vezes, jamais serão úteis em sua vida. Esse modelo de ensino antiético e ineficiente, aliado ao fato de ser obrigatório, é, certamente, um dos piores passos que já foram dados rumo à escravidão.

De acordo com Hans-Hermann Hoppe, "(...) o estado nos entregou e entregou nossas propriedades à turba e aos seus instintos. Ao invés de nos preservar, ele nos empobrece, ele destrói nossas famílias, organizações locais, fundações privadas, clubes e associações, ao atraí-los cada vez mais para sua própria órbita" (2013, p. 22). Tendo em conta a imoralidade dessa organização, é inadmissível que os pais sejam forçados, sob ameaça de violência, prisão ou morte, a fazer com que seus filhos sejam educados em uma instituição regulada por essa organização. Se uma criança for educada em uma instituição totalmente financiada e regulada por nazistas, onde todos os professores, diretores, e funcionários são nazistas, é bem provável que essa criança se torne um adulto que defenda as barbaridades cometidas por esse partido. Se essa mesma criança fosse educada em uma instituição financiada e regulada por comunistas da União Soviética, haveriam grandes chances de ela crescer defendendo o regime criminoso e desumano que foi implantado lá. No Brasil, como as crianças são obrigadas por lei a serem educadas em instituições na qual o conteúdo é regulado pelo Estado brasileiro, não é surpreendente que muitas delas saiam do Ensino Médio defendendo as leis e regulações impostas pelo Estado e culpando o "capitalismo malvadão" pelos problemas que ela encontra ao seu redor.

Conforme explica Ludwig von Mises, “o governo quer interferir com a finalidade de obrigar os homens de negócio a conduzir suas atividades de maneira diversa da que escolheriam caso tivessem de obedecer apenas aos consumidores” (2009, p. 47). Assim, a própria existência de interferências e regulações estatais na esfera educacional evidencia o interesse dessa organização de ter um controle sobre aquilo que as pessoas estudam. Nas escolas, muito se fala em autores que pregam ideias comunistas e socialistas, mas jamais são estudados autores que defendem a abolição do Estado. Os alunos são forçados a pensar que o governo é bonzinho por supostamente oferecer saúde, segurança e educação gratuita e de qualidade a todos e que, ao mesmo tempo, os empresários são pessoas cruéis e gananciosas que querem “explorar o trabalhador”. O capitalismo é frequentemente apresentado como sendo a razão pela qual existem muitas pessoas em estado de fome e miséria, enquanto que o socialismo e o comunismo são apresentados como sendo a salvação para esses problemas. O objetivo por trás da educação obrigatória regulada pelo governo é o de “enraizar” esse tipo de pensamento na cabeça das crianças de modo que, quando elas se tornarem pessoas adultas, não ofereçam resistência alguma ao aparato estatal. Assim, elas continuarão a pagar impostos altíssimos e a aceitar as leis e regulações absurdas que são impostas a elas. No sentido figurado, elas mesmas vão prender os grilhões da servidão aos seus próprios tornozelos.

Ao frequentar a escola, a criança estará sujeita a conviver com pessoas de má índole, como delinquentes, bandidos ou marginais. Quando for esse o caso, deixar de ir à escola pode ser uma forma de prevenção a diversos males, entre eles: *bullying*, perversão de menores, violência, exposição a conteúdos de cunho erótico, abuso de autoridade por parte de professores e diretores, entre outros. Ao obrigar uma criança a frequentar esse ambiente, a pessoa estaria colocando a integridade física e psicológica da criança em risco de maneira desnecessária. Esse tipo de situação pode trazer traumas permanentes na vida da criança e, consequentemente, fazer com que ela perca o interesse de aprender e de socializar com as pessoas ao seu redor. Além de que, na escola, em vez de serem estimuladas a se tornar os melhores nos assuntos de seu interesse, a desenvolver algo inovador e a aplicar esforço em algo produtivo, as crianças aprendem desde cedo a fazer sempre o mínimo. Normalmente, não existe uma recompensa por fazer além daquilo que é esperado; basta que seja atingida a média mínima que é exigida pela escola. O resultado disso é que a pessoa sai da escola não tendo mais o estímulo, a criatividade e o espírito empreendedor que poderia ter. Essa é uma das razões pela qual pessoas deixam de explorar seu potencial, deixam de lado seus sonhos de infância e suas ideias inovadoras e acabam se tornando servas mansas desse sistema escravizador.

De acordo com Marcelo Mazzilli, “pela educação das crianças são responsáveis em primeiro lugar os pais. São eles que devem escolher o que é melhor para os seus filhos, exatamente como fazem quando escolhem a merenda, atividades esportivas, um par de tênis, uma história para lhes contar” (2010, p. 75). Assim sendo, não cabe a nenhuma organização ditar quando, onde, como e por quem a criança será educada. Em uma sociedade livre, todas as pessoas seriam donas de si mesmas e, consequentemente, seriam donas de tudo o que for produzido por elas. Se um casal tem um filho, esse filho é uma consequência da existência deles e, portanto, é natural que ele esteja sob a guarda

desse casal. A partir do momento em que o Estado confisca o filho de seus pais e decide educa-lo da maneira que quiser, os direitos dos pais foram completamente violados e um de seus bens mais preciosos foi confiscado para ser subordinado à vontade de terceiros. Além disso, os direitos dessa criança estarão sendo violados, pois, além de não ter a alternativa de não ser educada pelo Estado, ela estará submissa às ordens e às vontades dos professores e diretores. São eles que decidirão se a criança tem ou não a permissão de, por exemplo, ir ao banheiro ou ao bebedouro. Dessa maneira, a criança é tratada como "propriedade estatal" e é doutrinada a deixar de lado sua personalidade individual e seus direitos naturais para agir como um cachorrinho adestrado que obedece aos seus donos.

É preciso compreender, acima de tudo, que os seres humanos possuem direitos naturais invioláveis. Conforme explica Celeti, "a existência da lei natural faz o homem concluir racionalmente que é livre e, portanto, não pode ser coagido a fazer ou deixar de fazer algo; que tudo o que transforma pelo seu trabalho é sua propriedade e que é autônomo, visto que é o motor de suas ações" (2011, p. 29). O modelo de ensino que é aplicado nas escolas brasileiras, juntamente com o fato de ser obrigatório, faz com que as crianças cresçam acreditando que é normal ser privado de sua liberdade e que é normal que uma parte dos frutos de seu trabalho seja tomada pelo Estado. E é por isso que a educação domiciliar é uma enorme ameaça a qualquer regime. Se o Estado perde o controle daquilo que entra na mente das pessoas, ele corre o risco de perder o segredo de sua própria existência. Justamente por esse motivo, é interessante aos governantes ter um controle sobre as informações que chegam até os governados. Em outras palavras, a escola serve para tornar as pessoas servas mansas do Estado, incapazes de questionar a legitimidade da sua existência. E a real natureza do Estado é fazer com que uma pessoa ou um grupo de pessoas que não produz riqueza alguma seja sustentada por um grupo de pessoas que produz. A escola tem o poder de matar a resistência contra um regime criminoso, ditatorial e escravizador.

O ambiente educacional das escolas de hoje em dia, juntamente com os conteúdos que são apresentados e a maneira na qual eles são abordados, funciona como uma espécie de "anestesia cerebral", o que faz com que os alunos percam sua capacidade natural de raciocinar e questionar. Assim, o professor, sendo um formador de opinião, tem um forte poder de influência sobre a formação do caráter e da personalidade das crianças e, sendo pago pelo Estado para ensinar aquilo que o Estado quer e da maneira que o Estado quer, acaba sendo forçado a influenciar os alunos a pensar da maneira que o Estado quer que eles pensem. É dessa maneira que, após anos de doutrinação, as pessoas passam a considerar como normal coisas que, se fosse apenas pelo seu instinto natural e pela sua capacidade nata de questionar, constatariam que se trata de ideias absurdas. O Estado é como um inimigo ou um escravizador disfarçado de guardião que manipula a mente das pessoas para que elas não manifestem nenhum tipo de resistência e, pior do que isso, apoiem a sua dominação. Sabendo disso, é razoável pensar que, pelo menos em alguns casos, é melhor não receber educação alguma do que ser educado pelo seu inimigo. Melhor ainda é quando as pessoas podem estudar, aprender, raciocinar e se aprofundar nas áreas de interesse de maneira livre e sem qualquer influência da mesma organização que as escraviza. É exatamente esse o caminho rumo ao conhecimento e à liberdade.

3. Educação domiciliar: uma alternativa à doutrinação estatal

Mas se não fosse o Estado, quem poderia fornecer educação de qualidade às crianças? Os pais ou responsáveis pela criança, um professor particular, uma escola privada sem qualquer influência estatal, a comunidade, a Internet ou qualquer outra coisa que não tenha um pingo de interferência por parte de uma organização coercitiva. Não havendo esse tipo de coerção, os pais teriam o mais amplo poder de escolha com relação a quem, quando, onde e como se dará o aprendizado dos filhos. Sabendo que cada criança possui sua própria maneira de pensar, os pais devem buscar um método de ensino que seja condizente com a capacidade, a necessidade e as áreas de interesse dessa criança. Todo o processo de ensino deve ocorrer de maneira produtiva e prazerosa de tal forma que a aprendizagem deixe de ser um fardo na vida da criança e se torne sinônimo de lazer e alegria. E é também de extrema importância que os pais estimulem desde cedo a criatividade de seus filhos de maneira que, no futuro, eles possam propor soluções inovadoras para problemas complexos. Quando se trata de um ensino mais técnico, os pais podem contratar um professor particular ou matricular seu filho em um curso presencial ou à distância. Em um livre mercado, haveria uma competição entre as instituições por um ensino cada vez mais eficiente e acessível, possibilitando ao aluno e aos seus responsáveis escolher qual deles mais se adequa às suas necessidades.

O prazer e a motivação que a criança tem nos estudos depende muito dos estímulos que são dados a ela, principalmente quando vêm de pessoas que ela tem como referência, como o pai, a mãe ou os avós. Estimular a criança a aprender é fundamental para que o processo da aprendizagem ocorra com sucesso, pois “o não estímulo significa o não desenvolvimento de todas as potencialidades com as quais a criança foi gerada, sendo assim, o estímulo deve ser oportuno, adequado às etapas já superadas e aos marcos atuais de desenvolvimento” (SILVA et al, p. 8). Ou seja, é preciso respeitar o ritmo da criança e buscar a melhor forma que ela tem de aprender. É importante também valorizar o interesse da criança, ou seja, direcionar o ensino de uma determinada disciplina tendo como base algo que ela esteja interessada em aprender. Outra vantagem da educação domiciliar é a economia de tempo. Na escola, é gasto muito tempo para fazer a chamada, aquietar a turma, escrever no quadro e chamar a atenção dos que estão atrapalhando. Por outro lado, no ensino doméstico, não havendo esse tipo de distração, a criança estará mais concentrada no conteúdo estudado. Os pais também estariam mais presentes na vida dos filhos e teriam um controle maior sobre o comportamento e o desenvolvimento deles.

Quando todo o aprendizado da criança ou do adolescente ocorre no ambiente familiar, fica muito mais fácil para os pais saberem como está acontecendo o aprendizado dos filhos. Além de que um professor sozinho não consegue identificar tão facilmente as dificuldades e os potenciais de todos os alunos. Para que isso aconteça, é importante que exista um instrutor ou um educador capaz de tratar das dificuldades e estimular o potencial e a criatividade de cada educando de maneira individual. É fácil fazer uma analogia, por exemplo, a um atleta de alto desempenho sendo instruído por um treinador pessoal. O treinador busca identificar possíveis lesões e fraquezas no atleta para que, ao longo do

tempo, todos os problemas sejam corrigidos. É importante também que o treinador estimule o potencial desse atleta e ofereça treinamentos que sejam condizentes com aquilo que será exigido dele durante uma competição. Assim como a preparação física de cada atleta deve ser adequada às suas dificuldades, aos seus objetivos e às suas necessidades, a educação de cada educando deve ser singularizada. Permitir que a crianças ou o adolescente seja livre para se aprofundar nos conteúdos de seu interesse, além de ser uma atitude ética, estimula o desenvolvimento de seu intelecto, de sua personalidade e do seu senso crítico.

A flexibilidade de horários é outro incentivo ao ensino domiciliar. Os pais e as crianças não mais precisariam se apressar para que o filho não chegue atrasado e, caso ocorra algum imprevisto, a família poderia transferir o horário de estudo para outro momento. Estudando em casa, não é necessária a existência de provas ou notas, mas os pais podem estar constantemente avaliando o aprendizado e o progresso de seus filhos. Assim, fica muito mais fácil identificar o potencial e as dificuldades da criança para que seja aplicada nela o método de ensino mais adequado. Outro ponto muito importante é que, na escola, as notas são usadas como uma maneira inadequada de medir a inteligência, o desempenho e o potencial das crianças. Isso faz com que elas sejam comparadas umas às outras, muitas vezes de maneira arbitrária e injusta. O aluno acaba se sentindo inferior ou superior ao colega por causa de um simples número em um papel. Por outro lado, no ensino doméstico, a criança deixa de estudar para uma prova e passa a estudar para a vida. O ideal é que a pessoa explore ao máximo seu potencial, independentemente da capacidade ou da inteligência das outras pessoas da mesma idade. Além disso, a criança pode, aos poucos, aplicar os conhecimentos adquiridos em algo que seja produtivo e que dê a ela algum retorno financeiro. Dessa maneira, quando essa criança se tornar uma pessoa adulta, ela estará apta para exercer a sua profissão com excelência no mercado de trabalho.

4. A socialização da criança fora do ambiente escolar

Existe uma preocupação de que crianças que não vão à escola estejam propensas a ter suas habilidades sociais reduzidas. Entretanto, “pesquisas indicam que, dados os recursos disponíveis e as atitudes apropriadas, como tempo, paciência e vontade, a educação domiciliar pode produzir crianças socialmente adequadas, qualquer que seja a motivação dos pais para escolher essa opção” (LAUZON, 2007, p. 26). Isso porque a escola não é o único ambiente em que uma pessoa pode interagir com outras pessoas e frequentar a escola não é sinônimo de socializar. É possível que uma pessoa desenvolva habilidades sociais de diversas outras maneiras, como, por exemplo: jogando futebol, convivendo com familiares, participando de grupos de escoteiros ou aprendendo alguma arte marcial. Por outro lado, não é raro encontrar pessoas que, embora tenham frequentado a escola por muito tempo, ainda são introvertidas e encontram dificuldades para interagir com outras pessoas. Além disso, “a educação em massa, a crise de valores, a agressividade e a falta de motivação em sala de aula fazem da educação domiciliar uma possível alternativa educacional para cobrir os pais mais exigentes com a qualidade da educação para seus filhos” (BELLMUNT, 2015, p. 17). Quando a escola apresenta esse tipo de problema, é

justamente o fato de a criança estar indo à escola que dificulta seu aprendizado e que põe em risco sua segurança, sua saúde mental e suas habilidades sociais.

Diversos estudos apontam que, em comparação às crianças que frequentam escolas convencionais, as crianças que são educadas em casa têm melhores amizades e um melhor relacionamento com seus pais e outros adultos. Além disso, elas tendem a ser mais felizes, otimistas e satisfeitas com suas vidas. Seu raciocínio moral demonstra ser pelo menos tão avançado quanto o de outras crianças e elas podem ser menos propensas a agir de maneira egoísta (MEDLIN, 2013, p.1). Assim sendo, é de extrema estupidez defender que os pais sejam obrigados a levar os seus filhos às escolas reguladas pelo Estado sob o argumento de que, caso isso não aconteça, elas terão habilidades sociais reduzidas. Além disso, caso o ensino doméstico seja feito de forma adequada, "(...) esses alunos podem ter uma vantagem ainda maior sobre os alunos de escolas públicas. Como as pontuações dos testes tendem a ser mais altas para os *homeschoolers* do que a de suas escolas públicas, o *homeschooling* é uma opção muito eficaz para muitos pais" (MOREAU, 2012, p. 31). Ou seja, diversos estudos apontam que, além de se tornarem pessoas com maior facilidade de socialização, as crianças educadas em casa apresentam, no geral, um desempenho superior em relação às crianças que foram educadas em escolas tradicionais nos testes que foram aplicados. Isso demonstra que receber um ensino doméstico de qualidade não é apenas possível, como já é uma realidade para muitas famílias.

5. Considerações finais

O Estado é uma organização criminosa que, entre outros crimes, rouba as pessoas de maneira sistematizada. Portanto, nada do que o Estado oferece é gratuito. Os serviços que o Estado oferece "gratuitamente" são apenas migalhas de tudo aquilo que ele rouba das pessoas através dos impostos. A educação estatal não é necessária para o desenvolvimento de um ser humano, pois, além do fato de ela ser precária e financiada com dinheiro roubado, não há nada que o Estado faça que a iniciativa privada não possa fazer com uma qualidade maior e por um preço menor. A real natureza do Estado é fazer com que pessoas que não produzem riqueza sejam sustentadas por pessoas que produzem. A verdadeira função da escola obrigatória regulada pelo Estado é doutrinar as pessoas desde cedo para que elas obedeçam às leis e regulações impostas a elas e não ofereçam resistência alguma contra essa organização criminosa. É para isso que ela serve e é nisso que ela funciona. A educação estatal faz com que as pessoas pensem que o governo é o herói e que o livre mercado é o vilão, quando, na verdade, é exatamente o contrário. A liberdade é um dos bens mais preciosos que um indivíduo pode ter e o Estado é a organização que priva as pessoas disso. Sendo assim, as pessoas têm que ser vetores de resistência contra o Estado ao invés de serem vetores de propagação das dependências que o Estado cria. A descriminalização da educação domiciliar é mais um passo de muitos que deverão ser dados rumo à liberdade. Antes mesmo da defesa física, antes mesmo das armas, é preciso pensar no campo de batalha intelectual.

Referências

ROTHBARD, Murray Newton. **Educação: Livre e Obrigatória**. Trad. Filipi Rangel Celeti. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 1º Ed., 2013.

HOPPE, Hans-Hermann. **O que Deve Ser feito**. Trad. Fernando Fiori Chiocca. São Paulo: Instituto Ludwin von Mises Brasil, 1º Ed., 2013.

MISES, Ludwig von. **As Seis Lições**. Trad. Maria Luiza Borges. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 7º Ed. 2009.

MAZZILLI, Marcelo. **Estado? Não, obrigado**. Trad. Roberto Fiori Chiocca. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 1º Ed, 2010.

CELETI, Filipi Rangel. **Educação Não Obrigatória: Uma Discussão Sobre o Estado e o Mercado.** Disponível em: http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1801/1/Filipe%20Rangel%20Celeti.pdf Acesso em: 28 de agosto de 2018.

SILVA, Andréa Pereira da; ANDRADE, Dani Cristina de Castro; MORAES, Lúcia Cristina de. **A Criança Enquanto Sujeito do Processo Ensino-Aprendizagem.** Disponível em: http://www.feol.com.br/sites/Revista%20eletronica/artigos/A%20CRIANCA%20ENQUANTO%20SUJEITO%20DO%20PROCESSO%20ENSINO-APRENDIZAGEM%20%5BAndrea%20Silva,%20Dani%20Andrade,%20Lucia%20Moaes%5D.pdf Acesso em: 29 de agosto de 2018.

BELLMUNT, Maria. **The socialization of homeschooling children**. Disponível em: http://thinkacademy.com/images/bellmunt_the_socialization_of_homeschooling_children.pdf. Acesso em: 21 de agosto de 2018.

MEDLIN, Richard G. **Homeschooling and the Question of Socialization Revisited**. Disponível em: https://www.stetson.edu/artsci/psychology/media/medlin-socialization-2013.pdf. Acesso em: 21 de agosto de 2018.

MOREAU, Kate. **Specific Diferences in the Educational Outcomes of those Students Who are Home Schooled vs. Students in a Traditional School Setting.** Disponível em: https://www.nmu.edu/education/sites/DrupalEducation/files/UserFiles/Moreau_Kathi_MP.pdf. Acesso em: 26 de agosto de 2018.

LAUZON, Ashlyn. **Homeschooling: The Socialization of Homeschooled Children Compared to that of Traditional Schooling.** Disponível em: http://kenstange.com/poa/Lauzon-HomeSchooling.pdf. Acesso em: 28 de agosto de 2018.